

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

ENSAIO FOTOGRÁFICO 5: ARTE

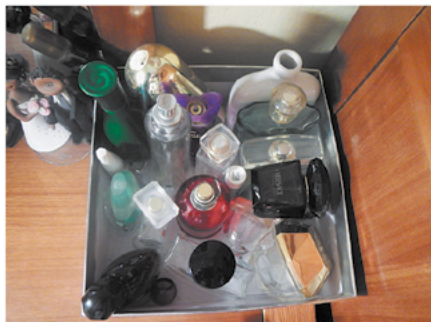


Obra de arte se abre para a música no antigo Museu Etnográfico em Benguela, maio de 2018.



Artista Bella White em sua exibição em Benguela, maio de 2018.

Coleção de perfume da Dra. Daniella captura memórias e emoções, bem como a fisicalidade cotidiana.





No Cinema Flamingo, pássaros de origami em azulejos dão as boas-vindas aos visitantes na entrada. Na entrada da própria cidade de Lobito, um mural foi pintado em um muro por uma ONG local.



Em um estúdio de um artesão em Lobito, a figura de um homem emerge da madeira em maio de 2018.

ENSAIO FOTOGRÁFICO 6: ARQUITETURA



Cinema Flamingo em Lobito.



Uma igreja em construção em Lobito, maio de 2018. Mulheres conversam em um prédio de apartamentos recém-construído em Benguela, julho de 2014.



Homens substituem lâmpadas de um poste em um subúrbio de luxo de Lobito em 2014, e uma escola em construção, mas já em uso, em uma área muito mais pobre da cidade.



Uma casa nova em Compão, Lobito, faz uma declaração contra um prédio de flats da era colonial em 2014.

CONCLUSÃO

TRATANDO O QUE É BELO À LUZ DO QUE SABEMOS

[Sobre como desenhar mapas:] Tudo depende de o que você quer que o mapa mostre, e o que você tem à disposição para fazê-lo. As pessoas falam sobre como algumas coisas se perdem na tradução, mas algumas podem, claro, ser adquiridas também. Um cartógrafo pode acrescentar coisas, como fronteiras, que podem ou não ter alguma manifestação física na terra. Mas até se há uma cerca para marcar a fronteira no mundo, essa cerca não é o mesmo que a fronteira política representada no mapa: uma brecha na cerca não vicia a fronteira política. Afinal, a linha vermelha no mapa não representa a cerca, e, na verdade, a própria cerca apenas representa a fronteira.

Mas o ponto de tudo isso é que todas essas representações ou traduções começam com necessidades. Consequentemente, a perda de informação e compreensão que envolve todo ato de representação é o efeito de um ato de destruição que serve a uma necessidade. Nós podemos parecer ter dado um passo adiante, mas, na verdade, nós demos um passo para trás, e dois para frente. Todas as vezes que queremos entender qualquer coisa, nós precisamos simplificar e reduzir e, mais importante, desistir do propósito de entender tudo de forma a limpar o caminho para compreender qualquer coisa que seja. Isso, eu imagino, é verdade para todo questionamento humano.¹⁹⁴

O poderoso texto do advogado e escritor britânico Zia Haider Rahman chamado *In the light of what we know* explora os limites e as possibilidades inerentes no ato de buscar compreender outra pessoa e outra versão de mundo. Para Rahman, as escolhas feitas nos atos de cartografar, traduzir e até escrever requerem uma boa vontade para conceder qualquer chance de compreensão do todo de forma a enxergar o detalhe de maneira significativa. Sua escrita soa como verdade para

194 Rahman (2014, p. 25).

a prática da etnografia, que envolve dois possíveis atos: tentar compreender, e, depois, tentar explicar.

Neste livro, fiz meu melhor para compartilhar uma versão da verdade sobre a classe média de Angola, e sobre como as vidas daqueles que pertencem, embora provisoriamente, a este grupo são moldadas pela migração internacional no Atlântico Sul e além. Há muita coisa que deixei de fora, e potencialmente muito mais que entendi apenas parcialmente, mas espero que colegas, estudantes e amigos peguem as pontas desse texto e partam daí para acrescentar a ele. Existem muito mais acadêmicos e escritores angolanos pensando a respeito dessas questões do que aqueles a quem este livro faz justiça, embora os leitores interessados possam começar com os trabalhos de Ondjaki, Rafael Marques, Angela Mingas, António Tomás, Cláudio Tomás e Suzana Sousa, entre outros. Eles conhecem o país e as nuances de sua história e posicionamento contemporâneo muito mais do que eu. Muitos deles também são membros da classe média emergente angolana.

Embora eu tenha buscado incluir e recorrer a seus trabalhos, tenho consciência dos desafios que muitos pensadores angolanos encaram. Isso se deve não apenas aos limites na infraestrutura do conhecimento existente lá e às dificuldades de publicação para um público global, mas também devido às realidades de viver em um ambiente onde um trabalho de tempo integral não é suficiente para sustentar uma família, e sua energia é sugada de todas as formas possíveis. Ser classe média em Angola hoje ainda significa empreender um esforço considerável para fazer face às despesas, embora essas despesas não estejam centradas na sobrevivência, mas na qualidade de vida. Focar na mudança da qualidade de vida e entender suas texturas, sabores e ligações com outros lugares foi um de meus objetivos aqui. Este trabalho é, portanto, oferecido enquanto contribuição para a conversa, mas definitivamente não é nem seu começo, nem seu fim.

É importante aqui sublinhar o que é, de certo modo, uma escolha tanto acadêmica quanto política. Foquei na classe média e no que está em operação, em um país onde, para a maioria da população, só sobreviver já é considerado um esforço hercúleo. Esta é uma escolha que poderia contribuir na maneira como Angola é conhecida pelo resto do mundo exterior e potencialmente diminuir os desafios muito reais que muitas pessoas têm que encarar. Fiz essa escolha de maneira cuidadosa, mas é importante estar ciente dos riscos. Em *Beautiful ugly: african and diaspora aesthetics*, Sarah Nuttal, acadêmica sul-africana que estuda literatura, observa que frequentemente “a beleza é encontrada nos limites do que é feio, já que é o feio que tantas vezes tem sido o signo sob qual o africano foi lido”.¹⁹⁵ Neste sentido, a beleza tornou-se dependente da feiura. E se fosse o contrário, e houvesse a presun-

195 Nuttal (2006, p. 17).

ção de que a África é linda, não no sentido fetichista da imaginação ocidental de alvoreceres, savanas e acácias,¹⁹⁶ mas pelo trabalho cotidiano de pessoas cotidianas, por suas construções de mundo, seus relacionamentos, seu cuidado? É isso que este livro tentou ressaltar e abrir enquanto um espaço imaginativo para leitores, construindo sobre o trabalho de muitos como Michael Taussig, que escreve:

Uma história da beleza? O que seria isso? Ela é restrita a um ser humano, ou deveria incluir o mundo a sua volta – as ruas, os prédios, as áreas cultivadas e os rios? E se ela – essa ideia de uma história da beleza – esparrama-se assim, do corpo para o corpo do mundo, se é ampla, com esses elementos e outros se alimentando, então o que dizer da feiura e da qualidade moral da feiura? Quando eu olho para rios fétidos e para a terra mutilada, por exemplo, como eu posso separar o moral do estético?¹⁹⁷

No romance *We need new names*, a autora zimbabuense NoViolet Bulawayo¹⁹⁸ reflete sobre os nomes dados às crianças no Zimbábue do início do século XXI, que ecoam os desafios sóciopolíticos que o país tem enfrentado em anos recentes. O capítulo anterior em particular, sobre a visão, explorou como renomear e reformular servem para modificar as imaginações nacionais e internacionais de um país em paz e, em certa medida, um livro como este aqui é ele próprio um ato de nomeação. Ato de nomeação podem ser profundamente desconfortáveis, entretanto: lembrem-se que Nelson Mandela só virou “Nelson” porque seus professores da escola primária não conseguiam pronunciar seu verdadeiro nome, que era Rolihlala.¹⁹⁹ Além disso, como Rahman observa na citação anterior, um passo para frente pode, na verdade, serem dois passos para frente, mas um grande passo para trás.

Neste livro, envolvi-me nos cinco sentidos “do jardim de infância” das abordagens ocidentais de conhecimento do mundo, bem como da propriocepção (vivamente, movimento), para tentar aprofundar a habilidade dos leitores de colocarem-se no lugar das pessoas que essas páginas descrevem. Isso me traz para o “sentido” final, que quero abordar aqui independentemente de se ele aparece nos livros-texto das escolas primárias euro-americanas. É o sentido da curiosidade – da habilidade de estar interessado em pessoas, processos, sistemas e coisas sobre as quais ainda não se sabe. Se é possível fazer isso, parece-me muito menos provável

196 Ross (2014).

197 Taussig (2012, p. 86).

198 Bulawayo (2013).

199 Mandela (1994).

que tolere escolhas que afetam os outros de maneira negativa, sejam elas políticas, climatológicas, econômicas ou de qualquer outro tipo.

Tentei compreender e compartilhar como as pessoas prosperam a despeito de circunstâncias que, para pessoas de fora desse contexto, podem parecer profundamente desafiadoras. Não quero sugerir que tais circunstâncias *não são* desafiadoras, porque elas são, e a grande maioria dos angolanos têm bastante consciência de que eles receberam um tratamento injusto e historicamente denso. Não obstante, felicidade, aspiração, realização, amor e uma vida ética bem vivida (qualquer que seja a forma em que isso é entendido)²⁰⁰ só tão possíveis e tão desafiadores para se conquistar em Angola quanto em qualquer outro lugar do mundo, e lá, como em outros lugares, energia e recursos são gastos para conquistá-los.

Argumentei por uma compreensão da economia angolana baseada no *capitalismo selvagem* emergente e contestado, que pode ser adentrado por meio do movimento, da audição, do paladar, do olfato, do tato e da visão. É uma economia na qual as linhas entre o legal e o ilegal, o formal e o informal, o livre comércio e o protecionismo são frequentemente nebulosas. Para serem bem-sucedidos, os indivíduos precisam tornar-se mestres na arte de ler uma dada interação social e utilizá-la para seu próprio benefício, e daqueles que amam – a necessidade de negociar estruturas de poder e usar a influência de alguém em seu próprio benefício é universal, mas a forma que isso adquire em Angola é particular àquele país. Os angolanos precisam saber quando exibir seu cartão de filiação ao MPLA no topo da pilha de documentos para garantir que sua demanda será rapidamente processada e precisam saber com quem eles podem vocalizar as frustrações inevitáveis da vida cotidiana. Eles precisam ser críticos o suficiente em relação ao governo a ponto de, caso observem uma lacuna em uma oferta de serviço público, poderem agir e empreender de maneira privada para preenchê-la, mas não sem antes garantir que a criticalidade nunca seja lida como criticismo, pois isso pode resultar em sanções severas. Precisam saber quando comprar com kwanzas, e quando usar dólares (EUA), rands (África do Sul) ou renminbi (China). Precisam cultivar relações em clínicas, supermercados, escritórios do governo e escolas para assegurar que estão tomando conta de seus filhos, e eles precisam oferecer favores aos outros para serem capaz de cobrar alguns para si mesmos quando necessário.

Em uma série recente de desenhos animados populares, a artista “Emma”²⁰¹ chamou a atenção para aquilo que é entendido no discurso feminino como “carga mental”. Ela refere-se, com isso, ao trabalho de planejar, preparar, gerenciar, organizar e agir sobre a vida cotidiana de suas casas – algo que mulheres, de acordo

200 Kleinman (2006).

201 Emma (2018).

com alguns estudos, fazem muito mais do que os homens.²⁰² Pode-se argumentar que o dia a dia em Angola é muito parecido com o dia a dia em outros lugares para aqueles que são parte da “classe média global”, mas sustentar o cotidiano acarreta uma “carga mental” muito mais pesada para garantir os mesmos resultados que aqueles cujos Estados-nação tem, nas palavras do ex-ministro da Educação, “tiveram mais tempo para praticar” (Entrevista nº 55). Por exemplo, nos lugares onde a infraestrutura era frágil, o fornecimento de eletricidade não era confiável e o sistema educacional era pobre; garantir que as crianças recebessem boa educação significava cuidar para que tivessem transporte, pagassem taxas escolares e ter que escolher entre pagar pelo gerador que forneceria eletricidade para a máquina de lavar, pagar outra pessoa para lavar as roupas ou dispor do tempo necessário para lavar as roupas à mão, tudo para garantir que as crianças estão vestidas adequadamente quando saem de casa. Se a comida para o lanche das crianças tivesse que ser buscada não apenas em um supermercado, mas em vários (e nos mercados a céu aberto também), e sapatilhas de balé tinham que ser importados da Europa, não comprados na loja no fim da rua ou na Amazon, a simples tarefa de “mandar as crianças para a escola” agrega múltiplas dimensões. Não é impossível, mas pode ser muito cansativa.

Na transição do socialismo para o capitalismo, ainda que uma versão selvagem dele (e onde, na verdade, o capitalismo existe de uma forma que não é selvagem, baseado no desdobramento de histórias particulares?), há uma grande oportunidade. À medida que a economia (lentamente) se diversifica e a infraestrutura básica – não importa o quão problemática – é erigida pelo governo, os angolanos médios estão no processo de construção e reconstrução de seus mundos. Eles usam cimento para construir este mundo, uma substância que Lesley Green entende como “o artefato da modernidade”,²⁰³ e eles também usam vidro, madeira e tinta de cores berrantes. Uma das coisas que mais me dava alegria durante meu trabalho de campo era andar de moto pelos subúrbios periféricos de Lobito e Benguela de manhã cedo aos fins de semana, e passar algum tempo observando as casas em construção, árvores sendo cuidadosamente adubadas, crianças praticando esportes e práticas cotidianas de tarefas, cuidado, adoração e trabalho que transformaram e continuam a transformar o país.

202 Folbre (2015).

203 Green (2015, p. 10, grifo do autor). Ver também Harvey (2015).

CAPITALISMO SELVAGEM EM TEMPOS INCERTOS

A antropóloga estadunidense Anna Tsing²⁰⁴ conclui uma etnografia intitulada *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruin* com o parágrafo abaixo:

Sem histórias de progresso, o mundo tornou-se um lugar assustador. A ruína nos encara com o horror de seu abandono. Não é fácil saber como construir uma vida, muito menos evitar a destruição planetária. Por sorte, ainda há companhia, humana e não humana. Nós ainda conseguimos explorar os limites expandidos de nossas paisagens destruídas - as bordas da disciplina capitalista, escalabilidade e planificações abandonadas de recursos. Nós ainda podemos sentir o cheiro dos bens comuns latentes - e o indescritível aroma do outono.²⁰⁵

Referências de estações do ano à parte, o que Tsing oferece nesse texto é uma maneira de compreender outros processos globalizados - neste caso, os cogumelos Matsutake em seu caminho da floresta à mesa de jantar - que não se encaixam adequadamente nos baldes do capitalismo tardio (capitalismo tardio é a referência comum para o capitalismo a partir de 1945). A paisagem de Angola foi afetada por sua guerra civil, mas não é “destruída” da forma como Tsing descreve, apesar de, indiscutivelmente, existir precisamente nas “bordas da disciplina capitalista”. É um país interessante em parte porque é um dos poucos lugares no mundo que nunca se industrializou da forma como a maior parte dos leitores ocidentais podem entender o termo.

Relativamente, existem algumas poucas indústrias em Angola, e, aquelas que existem, florescem menos em razão da “propriedade dos meios de produção” do que pelo tráfico de influência: a força das conexões políticas que lubrificam o maquinário tanto no sentido literal quanto no metafórico. Isso dito, mudanças profundas na governança, na ideologia e na inserção no mercado global moldaram a história vivida de Angola, e, como argumentei, isso deve ser entendido no contexto do antigo império português - ainda mais depois que João Lourenço assumiu o cargo de presidente em 2017, mudando drasticamente o cenário político de Angola depois que a maior parte da pesquisa já havia sido feita.

O oceano Atlântico tem sido um espaço primordial para o vir a ser de Angola de uma maneira particular, como um conduíte para certos tipos de interação, e como o local de uma parte da história e da verdade parciais. Mas é importante

204 Tsing (2015).

205 Id. *ibid.*, p. 282.

ter em mente que os oceanos por si só não são entidades confinadas. Ao contrário, eles misturam-se e fundem-se com outros corpos d'água no processo de transformação: o Atlântico vira o Índico, o Pacífico, o mar do Caribe, o Ártico. Ao invés de usar o “cronótopo do navio” descrito por Paul Gilroy,²⁰⁶ avento a possibilidade de que o cabo de internet submarino merece atenção. As pessoas ainda se movem, mas o conhecimento caminha mais rápido, e isso tem um impacto no desenvolvimento de novas (embora historicamente constituídas) práticas de conhecimento.

A internet de alta velocidade de Angola vem em sua maioria do Sistema de Cabeamento do Atlântico Sul, um emaranhado de cabos de 6.100 km de extensão que vai de Luanda até Fortaleza, Brasil, e que é parte de uma infraestrutura mundial de crescente importância. O país também tem sido um participante ativo do Free Basics, a tentativa do Facebook de conectar dois terços da população global que, atualmente, estão majoritariamente offline em razão dos custos dos dados,²⁰⁷ um programa que tem sido criticado pelo seu potencial de censura da internet, entre outras grandes preocupações.²⁰⁸ Embora imperfeito, o cabeamento de internet garante, de fato, uma certa liberdade intelectual em Angola e, para aqueles que conseguem acessá-la, ela altera as limitações colocadas sobre o que é possível conhecer. Ao longo deste livro, a habilidade de ficar online (ou não) foi um subtexto importante e não pode haver dúvidas de que a fluência digital é, hoje, uma das maiores habilidades esperadas daqueles que aspiram pertencer à “classe média global” – não importa o quão aberta ou estreita seja sua definição.²⁰⁹

A internet – através das redes sociais, sites de notícias e outros conteúdos – é agora fundamental para embasar a maneira como nós nos “vemos” uns aos outros. Também é uma ferramenta crítica pela qual os angolanos (e outros) se afirmam através do reconhecimento de si mesmo e da remodelagem nacional. Como Felicité, uma médica de quase quarenta anos que está completando sua especialização no Rio de Janeiro, coloca, “a psiquê é tudo em Angola. As pessoas precisam sentir-se belas e felizes. Em Angola, ser bonito é importante, e diz respeito à autoestima” (Entrevista nº 104). Autoestima forma-se através da visão, mas o visual está disposto em camadas sobre o que é olfativo, gustativo, auditivo e tátil, e está localizado no espaço. Junto a uma crescente autoestima em um nível bastante local, e a uma população crescentemente conectada e experiente que está acostumada a sistemas que frequentemente não funcionam, Angola tornou-se um lugar de possibilidades e

206 Gilroy (1993, p. 225).

207 Koebler (2016).

208 Nyabola (2016).

209 Heiman, Freeman e Liechty (2011), Lópes e Weinstein (2012).

oportunidades incríveis. Este livro mostrou algumas dessas oportunidades aproveitadas e frutificadas; outras permanecem como trabalhos em andamento.

Na introdução a este livro, estabeleci o que estava em jogo neste texto. Ler sobre Angola fornece um exemplo de uma forma disciplinada de curiosidade que aumenta a consciência e o conhecimento sobre pessoas que, de alguma forma, sentem-se distantes. Essa distância pode ser geográfica (p. ex., do Havaí às Ilhas Maurício) ou pode ser de experiência (p. ex., baseada em classe social, religião e filiação política ou profissional). Ainda assim, a curiosidade fornece uma entrada que é, espero, sincera e aberta a mais explorações.

Usando diferentes formatos e maneiras de escrita, espero me conectar de maneira mais profunda com leitores mais jovens (e também mudar os leitores mais velhos) que estão cada vez mais envolvidos com múltiplos tipos diferentes de mídia ao mesmo tempo, e que devem ter sido expostos à internet desde o nascimento. Esta geração, longe de ser o que William Deresiewicz²¹⁰ nomeou de maneira tão condescendente como “ovelhas excelentes” é, em minha experiência, apta para imaginação, empatia e pensamento sistêmico. Minha esperança é que este livro nos permita expandir essas capacidades de maneira a incluir as pessoas comuns de Angola, e que os angolanos que o leiam possam envolver-se não como objetos, mas como co-colaboradores do diálogo transnacional. Muitos já estão escrevendo – é importante que eles sejam lidos.

O GOVERNO SAIU DE FÉRIAS, MAS TALVEZ JOÃO LOURENÇO O TRAGA DE VOLTA

Angola mudou muito desde que meu primeiro trabalho de campo foi conduzido. Em maio de 2018, quando visitei novamente o país, descobri que a maioria das pessoas estava muito pior do que antes. Em Lobito, houve não apenas uma recessão econômica, mas também as enchentes que Lino conta na narrativa sobre o gosto no capítulo 3. Os preços de itens básicos dispararam como resultado da queda global nos preços do petróleo em dezembro de 2014, o que resultou em grandes cortes na capacidade de gastos públicos por parte do governo e na quantidade de dinheiro entrando no país. Ao mesmo tempo, moedas de outros países foram limitadas pelo governo, então, paradoxalmente, para qualquer pessoa que ganhasse em dólar, o país tornou-se muito mais barato. O kwanza, entretanto, perdeu quase todo seu valor, e me contavam frequentemente que uma quantidade enorme de pessoas estavam “reformando seus banheiros” com suas economias, pois essa

210 Deresiewicz (2015).

era a única forma que eles viam de usar o dinheiro de alguma forma (Registro de Campo 180527).

Aqueles que haviam iniciado algum tipo de ascensão social voltaram em sua maioria para a precariedade, e aqueles que já eram pobres estavam sofrendo de maneira mais profunda. “Agora existem doenças que não existiam antes, e as farmácias não têm remédios”, explicou-me Seu Oniko, que continuou: “o governo saiu de férias agora, embora seja possível que o João Lourenço [o novo presidente] vá trazê-lo de volta” (Registro de Campo 180520).

A maior parte dos angolanos que conheci, tanto durante o trabalho de campo quanto fora dele, expressaram grande lealdade a seu país de nascimento. Em uma entrevista conduzida em Curitiba, Brasil, em outubro de 2014, um jovem, que chamo aqui de Rafael, explicou-me porque ele queria voltar para Benguela logo que ele obtivesse sua graduação. Ele, então, recitou um poema dedicado à memória do patrono angolano Agostinho Neto intitulado *Havemos voltar*²¹¹ e, em seguida, explicou:

Ainda que nós tenhamos sofrido, Angola é um excelente país. Angola é o país do futuro; é lindo, tem um povo unido. Quando você vai a Angola, você sempre tem família, você não gasta nada com comida porque nós sabemos cuidar das pessoas e uns dos outros. Nós vivemos o que a Bíblia diz: cuidados dos estranhos.

Angola nos dá uma sensação de poder que é enorme, é poderosa, tem potencial. A despeito da poeira, da chuva, das enchentes e da falta de saneamento básico, tem poder. Nós amamos Angola com uma paixão terrível! Com o coração pleno! Hoje, eu acordei deseioso de ir para casa, eu estava com tanta saudade... Eu vejo o que acontece em Angola, porque você sabe que os líderes a estragaram, mas nós, angolanos, somos felizes apesar dos problemas. Nós não somos pessoas tristes, lá em Angola você não verá tristeza no rosto das pessoas... Nós vamos melhorar. Tudo isso é por causa de Deus. Nós confiamos que Angola vai mudar um dia (Entrevista nº 91).

Em meados de 2019, Rafael não havia retornado, apesar de seu desejo expresso, porque a crise de 2014 tornou impossível qualquer esperança de encontrar trabalho, e ele está cada vez mais estabelecido no Brasil, onde ele já viveu a maior parte da última década. Com todos os seus problemas recentes, a economia brasileira é muito mais resiliente e diversa do que a angolana, e ele é responsável por mandar dinheiro para casa todo mês para sustentar sua mãe e irmãos – um dos quais deve também ingressar em uma universidade brasileira. Ele continua a trabalhar como

211 Cf. Wolfers (1979).

evangelizador junto a uma organização religiosa que financiou seus estudos em teologia, mas ele também direciona uma grande porção de sua fé para a constituição angolana, e seu amor por sua casa continua inalterado. Ele chama tal amor de uma “paixão terrível” porque ele tem consciência de que seu patriotismo poderia por vezes cegá-lo e o impediria de ser plenamente feliz em qualquer outro lugar do mundo. Ainda assim, é um amor pleno e visceralmente sincero e, para ele, isso era muito importante.

Angola sofreu e continua a sofrer mudanças constantes, e milhões de pessoas estão contribuindo de maneira profunda para esse processo. Este livro compartilhou apenas alguns poucos exemplos dessas contribuições, mas existem muitas mais que merecem atenção. “Feliz”, palavra mencionada aqui por Felicité e Rafael, é uma palavra por demais simples para descrever o estado emocional mais amplo de uma nação inteira, mas é preciso ter em mente que uma inclinação psicológica ao otimismo geralmente é útil para viver uma vida plena. A política nacional ou global tem menos impacto direto sobre o bem-estar individual do que a maneira como se escolhe reagir a elas, e, felizes ou infelizes, os angolanos – bem como as pessoas de todas as partes – estão fazendo o que podem, um dia de cada vez e, neste processo, reconstruindo o país silenciosamente.

José Eduardo dos Santos, presidente de Angola de 1979 a 2017, é notoriamente chamado de “arquiteto da paz”.²¹² O que quer que se pense a respeito de seus planos diretores, arquitetos no final das contas são julgados por aquilo que é de fato construído e em como seus prédios são utilizados. A construção, em Angola, está sendo conduzida por milhões de pessoas comuns que obviamente só podem fazê-lo se tiverem dinheiro suficiente para comprar tijolos e estiverem suficientemente saudáveis para erguê-los. Para além de suas casas, a vida cotidiana é entrelaçada com coisas materiais –²¹³ locais e globais –, e as experiências sensoriais de trabalhar, desejar e gozar dos frutos do trabalho são como as novas realidades tornam-se conhecidas.

PRATICANDO A PAZ... DE NOVO

Em uma outra guerra, que correu paralelamente ao conflito em Angola, Vedran Smailović tocou seu violoncelo em prédios destruídos durante o cerco a Sarajevo, inclusive na Biblioteca Nacional, como mostra a Imagem 7. Sua apresentação capturou a imaginação global e inspirou o *best-seller* do autor canadense Stephen

212 Schubert (2015).

213 Hodder (2011).

Galloway (escrito sem autorização, e que deixou Smailović tão nervoso que ele disse aos jornais que pretendia processá-lo).²¹⁴ Neste caso, o que parece ter capturado a imaginação do público foi indiscutivelmente a humanização de um conflito através das ações de uma pessoa aparentemente ainda comprometida com a beleza, apesar da destruição ao seu redor. Smailović usou as ferramentas que tinha à mão – neste caso, um violoncelo – para sobreviver à guerra, e, de certa forma, ajudar outras pessoas a sobreviverem também.

Ao escrever sobre a beleza em Angola, assume-se um grande risco de ocultar a atenção para o sofrimento que ocorre lá. Nenhuma quantidade de perfume trará direitos humanos fundamentais, nem as árvores plantadas irão expurgar o medo que permeia muitas pessoas quando ouvem as elites serem criticadas em voz alta. As práticas da paz são poderosas, mas, não obstante, elas necessitam ser vistas, como na Imagem 7, enquanto algo belo que ainda resiste cercada por certos tipos de ruína social, econômica e política criada não apenas pelos eventos nacionais, mas pelas ações e inações internacionais.

O que eu gostaria de reiterar aqui é que o *capitalismo selvagem* não é exclusivo de Angola. Ao contrário, ele torna visíveis dinâmicas que em outros lugares são difíceis de observar. Para cada zona de guerra existente, tem de haver fábricas produzindo bombas, e tais fábricas e o sistema político que as sustenta são frequentemente circundados por cercas brancas (metafóricas) e pelas ilusões de paz. O conflito em Angola foi, talvez, uma das últimas “guerras globais” que de fato incluíram soldados atirando uns contra os outros e podendo se ver – depois do 11 de setembro, os conflitos no mundo mudaram radicalmente.²¹⁵ Lobito, entretanto, onde a maior parte da pesquisa que embasou esse livro foi feita, não viu quase nenhum esforço de guerra, mas todas as cercas brancas foram violadas – não literalmente, mas em termos de como as pessoas que viviam ao seu redor modificaram suas ações e modos de vida em virtude de dinâmicas mais amplas que estavam em jogo no país e no mundo. Eles “traficaram influência” para garantir segurança e favorecimentos, comendo bolos no restaurante da Áurea ou criando redes de relações por meio da formação no Brasil ou em Cuba, que poderia angariar segurança e oportunidades para seus filhos.

214 Galloway (2009), Sharrock (2008).

215 Gusterson (2016), Harari (2018).



Imagem 7 Vedran Smailović tocando no edifício parcialmente destruído da Biblioteca Nacional de Sarajevo em 1992. (Wikipedia, foto de Mikhail Evstafiev, CC BY-SA 3.0).

A prática da paz é extremamente desafiadora. Por vezes, compreender tal prática – que começa fundamentalmente com autoconhecimento e consciência dos preconceitos e dos limites da empatia – é absolutamente essencial se esperamos viver em um planeta onde a dignidade e os direitos humanos podem ser experienciados por todas as pessoas ao redor do mundo. Agora mais do que nunca, a importância da curiosidade genuína, baseada não no estereótipo, mas em um reconhecimento de determinada comunalidade fundamental dos sonhos e aspirações, é ainda mais crítica, junto a uma receptividade às muitas camadas das personalidades e da experiência, como esse livro oferece da e para a classe média angolana emergente.

Todos nós precisamos de água para sobreviver, mas não parece razoável que tantas pessoas também peçam para poder beber vinho. Não se permite a um governo que aja contra as pessoas por quem se sabe que não apenas seria possível sofrer,²¹⁶ mas também amar: pessoas com quem se experimenta – independentemente da distância – algum senso de comunhão. Minha esperança é que por meio desta etnografia sobre o que está em operação na Angola contemporânea (ou ao menos estava operando por um período de tempo), os leitores possam encontrar em si mesmos um desejo de conhecer mais e de pedir às pessoas para explicar como suas vidas são vividas, escutadas, testemunhadas e experienciadas no que diz respeito ao que é bom, ruim, feio e belo.

216 Butler (2016).

Por que isso importa?***Compaixão em um mundo em chamas***

No final das contas, este é um livro que almeja aumentar a compaixão – sentir em conjunto, importar-se, envolver-se em um nível profundo e, acima de tudo, reconhecer que embora as pessoas sejam muito diferentes, elas também são muito parecidas entre si.

No contexto geopolítico atual, há uma grande ênfase na diferença em nível global. A ideologia de direita tornou-se hegemônica, e cada vez mais políticos e pessoas comuns atendem às necessidades de suas “tribos” ao invés daqueles de coletivos de inclusão mais ampla. Direitos humanos, que emergiram como sacrossantos na esteira da Segunda Guerra Mundial, agora estão sob escrutínio. O diálogo respeitoso e nuancado que abrange a verdadeira diversidade em perspectiva tornou-se cada vez mais raro.

Isso não é acidental. A crise climática está tornando grandes porções de mundo inabitáveis e assustadoramente inseguras, e isso só vai piorar. Em muitas partes do planeta, as guerras pela água já começaram – esqueça o vinho. A menos que mudanças radicais ocorram em todos os níveis, milhões – bilhões, para ser realista – terão seu direito à vida revogado.

A história da humanidade deixa claro que a maneira mais fácil de fazer grupos de pessoas matarem uns aos outros (ou apenas deixá-las morrer como espectadoras) é convencê-los de que os outros não são completamente “humanos”. A este respeito, a desumanização dos africanos que justificou o tráfico de pessoas escravizadas no Atlântico não é diferente da desumanização das pessoas que vivem na altura da linha do Equador em todo o mundo, que é essencial para justificar a inação sobre as mudanças climáticas hoje.

Angola já está experimentando o impacto da crise climática. Secas e enchentes são as últimas manifestações da devastação em um país que, nos últimos cinco séculos, pagou o preço pelo excesso dos outros – através da escravidão, da colonização, da guerra civil e, agora, de um mundo literalmente em chamas.

Ainda assim, sistemas podem ser modificados. Esta é a tarefa da nossa geração.

